DISCURSO E LINGUAGEM NA PRODUÇÃO DE TEXTO: O DIA A DIA DE UMA SALA DE AULA

Carla Sarlo Carneiro Chrysóstomo (UNINI – México)
carlasarloc.chrysostomo@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar reflexões sobre as discursividades contemporâneas desenvolvidas na sala de aula ao produzir textos. Na perspectiva da análise de discurso a palavra é um ato social com todas as suas implicações como conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidades etc. A linguagem não pode ser vista somente como suporte de pensamento, nem de comunicação, pois o seu percurso passa pelo psíquico, social e domínio da ideologia. O princípio teórico fundamental é considerar que existe uma relação entre linguagem e exterioridade que é constitutiva, onde o processo de significação é histórico. O sujeito é efeito de poder e se constrói pelo exercício da escrita. É necessário desenvolver a pedagogia por projetos como estratégia educativa global que consiste em dar sentido às diversas leituras escolares e de mundo. A metodologia irá apresentar fragmentos de um trabalho de produção de texto no 5º ano do ensino fundamental I de uma escola estadual de Campos dos Goytacazes-RJ, provocando discussões em torno do insuficiente desempenho escolar no âmbito da leitura e produção de textos em língua materna. Os teóricos utilizados nessa pesquisa são: Orlandi (2012), Santos (2009), Franchi (2012), Simões (2010), Micotti (2009) dentre outros.

Palavras-chave: Discurso. Linguagem. Produção textual.

1. Introdução

Tendo em vista a inoperância e ineficácia das escolas em relação a apropriação da escrita em consonância com a oralidade, com ênfase na produção textual, reflexão crítica, criatividade, imaginação criadora, coesão e coerência de ideias; a qual não articula a teoria com a prática e nem utiliza ferramentas tecnológicas como recursos pedagógicos postulados por uma teoria construtivista; gerando desta forma o fracasso escolar; faz-se necessário a criação de recursos pedagógicos e ambientes virtuais que tornem as interações sociais mais produtivas e benéficas.

Este trabalho tem como objetivo apresentar reflexões sobre as discursividades contemporâneas desenvolvidas na sala de aula ao produzir textos, pois é necessário que haja intervenções exteriores à região da linguística para entender a língua como base para processos discursivos que estão ligados a condições de produção sócio-históricas. É de fundamental

importância que ocorra nesse processo a articulação da língua às práticas sociais e políticas, dando autonomia as produções textuais.

Santos (2009, p. 51) evidencia "[...] transformações teóricas e políticas que tencionavam o modo de se pensar a produção de sentidos, o modo de se proceder na análise dos discursos". Esse autor explica que os discursos circulam em diferentes materialidades, verbal e não-verbal, compondo o sincretismo de linguagens.

Este trabalho está dividido em três momentos: 1- *Linguagem e discurso: percurso teórico-metodológico*, abordando as concepções de sujeito marcadas pelo logocentrismo; 2- *Produção textual: o dia a dia de uma sala de aula*, explicando a relação das variações da escrita com a linguagem, o mundo e os sujeitos; e 3- *Discussão e resultados*, apresentando aspectos complexos da escrita que mostram toda relação existente entre o sujeito e suas interações com o mundo que o circunda.

A pesquisa bibliográfica abordada neste trabalho utilizou teóricos como: Santos (2009), Gabriel (2015), Barreto (2014) Carvalho (2015), Libâneo (2010), Garcia (2003), Ferreiro (1993), Soares (1989), Rojo (2012), Micotti (2009), Street (2014), Rojo (2010), e outros que muito contribuíram para o embasamento do mesmo.

2. Linguagem e discurso: percurso teórico-metodológico

Santos (2009) destaca que o Iluminismo deu lugar ao Humanismo, onde a passividade do homem deu lugar a sua ação, ao seu envolvimento, ao progresso e à ciência, cabendo ao homem a incumbência de conhecer os fenômenos que os rodeiam compreendendo as causas do inexplicável, incompreensível e do obscuro. Conceituar o sujeito como efeito do pensamento, da mente e do intelecto é condená-lo em favor da objetividade, do conhecimento científico e da memória cognitiva, ou seja racionalidade. Entretanto,

> [...] essas concepções de sujeito têm considerado, cada vez mais, os aspectos sociais, contextuais; e isso em todas as áreas, de modo que não é possível desconhecer os efeitos do contexto situacional, do entorno social sobre os seres vivos e não-vivos, nas teorias linguísticas, nas teorias da comunicação, nas teorias da aprendizagem e do ensino, bem como na física, na medicina e nas biociências em geral. (SANTOS, 2009, p. 28)

O autor supracitado afirma que essas concepções de sujeito, marcadas pelo logocentrismo, que postulam a consciência de si e dos outros

com acesso a fenomenologia e concepções psicologizantes têm sido problematizadas por filósofos e analistas de discurso.

Gabriel (2015, p. 24) conceitua *corpus* como "[...] coleção de textos, compilada segundo uma finalidade". A análise de padrões da língua e a utilização de corpus para estudos linguísticos foi retomada de maneira intensa resultando na "Revolução do *Corpus*", considerando coleção de textos em formato eletrônico e de dimensão considerável.

Santos (2009) destaca que a subjetividade, que é sempre produzida, não se faz sem o outro. Portanto, "[...] o sujeito se constrói pelo exercício da escrita, mas é preciso lembrar que isso ocorre graças à benevolência do poder soberano instituído, que se vê, à sua revelia, subvertido pela resistência da vítima" (SANTOS, 2009, p. 29). A subjetividade ou as formas de subjetivação não são unicamente produto de construção do outro ou do grupo social, da formação discursiva, porque há um trabalho de si sobre si.

Gabriel (2015) reconhece que a relação entre linguística e dados para análise sempre foi conturbada. Tendo em vista que,

> [...] a partir dos anos 1990, grandes corpora eletrônicos começam a participar sistematicamente da prática linguística, tem-se um contexto propício para pôr em xeque os modelos teóricos vigentes-uma vez que estes teriam sido construídos a partir de dados pouco confiáveis – e, considerando a linguagem como um sistema probalístico, para estudar de maneira sistemática fenômenos que têm relação direta com a frequência, como a identificação de padrões lexicais e a preferência por certas combinações de palavras. (GABRIEL, 2015, p. 28)

A autora supracitada destaca que a tecnologia é um instrumento utilizado a favor desse distanciamento e dessa neutralidade que existe em relação aos dados, capaz de favorecer a objetividade das análises.

Barreto (2014) enfatiza que a partir dos anos 1990 a análise do discurso foi consolidada ao pensar a linguagem desprovida de exterior como "novo idealismo", ou seja, "realismo crítico". Portanto, uma concepção tridimensional do discurso encara texto, prática discursiva, envolvendo produção, distribuição e consumo; e prática social. Desta forma amplia-se o conceito de texto, de modo a abrigar outros materiais semióticos ou, em perspectiva não ortodoxa, linguagens articuladas na produção de sentidos.

3. Produção textual: o dia a dia de uma sala de aula

Carvalho (2015) destaca a importância de o professor levar os alunos a encararem a escrita como um poderoso instrumento de comunicação e de entendimento entre as pessoas assim como Celestin Freinet fez com os seus alunos trocando cartas. Portanto,

> Por serem um tipo de texto de grande circulação na vida social, saber escrevê-las é uma habilidade valorizada pelas crianças e suas famílias. Na tentativa de dar sentido e função à leitura e à escrita nas escolas, cartas podem ser um bom recurso didático. (CARVALHO, 2015, p. 96)

A autora supracitada destaca que as cartas são um gênero textual com regras próprias que devem ser aprendidas. Retomar a escrita na sala de aula construindo textos levando a criança a entender as variações da escrita, de acordo com o gênero de texto formará o leitor potencial.

Segundo Rojo (2010) a linguagem vista como representação faz da língua uma porta de acesso ao pensamento e ao mundo. Portanto,

> Entre a língua e o mundo aparece o "pensamento" como elo intermediário, capaz de "representações" e de "operações". As palavras e as frases refletem e traduzem (representam), não mais os objetos, mas operações gerais do espírito, comuns a todas as línguas, uma vez que são operações do "espírito humano" (gramática universal). (ROJO, 2010, p. 35)

A autora supracitada afirma que existe um duplo dualismo entre a linguagem e o mundo e entre sujeitos e a linguagem usada para expressão, levando-os assim a comunicação.

Micotti (2009) destaca que as escritas precisam ser efetivadas a partir de longas conversas, abrindo espaços para que todos falem o que estão pensando ou sentindo. As autoavaliações precisam ser feitas para direcionar os próximos passos, não como mecanismos de controle, mas para verificar o que precisa ser melhorado com novas técnicas e estratégias. Desta forma, as crianças irão descobrir o mundo que as cerca.

Rojo (2010) complementa ressaltando a importância das práticas interacionistas que colocam o sujeito como participante da interação, necessário para o desenvolvimento do letramento. Porém, essa participação a qual pode ocorrer através do jogo de papeis entre personagem e narrador pode distanciar a perspectiva do personagem em relação ao mundo da história. Desta forma destaca que Vygotsky afirma que:

> [...] o jogo é essencialmente uma forma precoce e particular de atividade de linguagem que se constitui numa das formas simbólicas essenciais da pré-história da escrita. O jogo é a forma como, exercitando papeis interacionais e

> ficcionais, a criança autonomiza a possibilidade de narrar (oralmente ou por escrito) em seu papel de autor, responsável, entre outros aspectos, pela coerência textual escrita. (ROJO, 2010, p. 137)

A referida autora enfatiza que o jogo de papeis interpenetra nos jogos de contar transformando-se na tomada de perspectiva parcial subjetiva constituindo-se na narrativa escrita responsável pelas formas discursivas resultantes, projetando desejos e demandas do inconsciente.

Franchi (2012) destaca que é necessário:

> [...] deixar as crianças operarem epilinguisticamente sobre seus próprios dados de linguagem, mas estar atenta para oferecer-lhes, nas circunstâncias oportunas, as condições para que façam, desse exercício lúdico, o ponto de apoio para as hipóteses generalizadoras indispensáveis para a transformação dos episódios em fonte de conhecimento e saber. (FRANCHI, 2012, p. 194)

A autora acima esclarece que é necessário trazer os textos das crianças para leitura em classe e pequenas dramatizações, trabalhando a entonação expressiva, destacando unidades de informação do texto e ao mesmo tempo indicando a acentuação apropriada.

Street (2014) aborda a escola como instituição que encontra sua forma principal de expressão num tipo particular de linguagem, no discurso dos professores e do texto dos materiais escritos, mas também na sala de aula, como nas paredes e no fluxo de papelada burocrática, a qual vai se tornando significativa e se reproduzindo. Por isso,

> A linguagem do professor e do texto posiciona os sujeitos (seja estudante, seja pesquisador), prende-os a seus assentos e os localiza num espaço construído social e autoritariamente. O modo como se constrói esse espaço é fundamental para nosso entendimento dos processos linguísticos e letrados particulares [...]. (STREET, 2014, p. 136)

O referido autor destaca que a escola é um universo particular de signos com avisos e letreiros, espaço designado pela autoridade. As salas são numeradas e rotuladas com funções designadas igualmente. Mas o professor não pode se esquecer que dentro da sala de aula as crianças no meio de um sistema de códigos veem as suas experiências sendo transformadas, onde o mundo externo à escola é transformado e traduzido em vários conjuntos discretos de conceitos analíticos. E as paredes da sala de aula se tornam as paredes do mundo.

Orlandi (2012) afirma que a constituição do texto pelo sujeito é heterogênea ocupando várias posições no mesmo. E que o discurso é caracterizado duplamente pela dispersão dos textos e do sujeito, definindo

o sujeito como descontinuidade e o texto como espaço de dissensões múltiplas. Isso significa que:

> [...] essas diferentes posições do sujeito no texto correspondem a diversas formações discursivas. Isso se dá porque em um mesmo texto podemos encontrar enunciados de discursos diversos, que derivam de várias formações discursivas. (ORLANDI, 2012, p. 71)

A autora supracitada aborda a ideologia presente nas discursividades dos textos, representadas pelas diferentes posições do sujeito. É necessário considerar o ato de produção da linguagem do sujeito-locutor, onde aparecem marcas que atestam a relação do sujeito com seu dizer e através dele com o mundo.

4. Discussão e resultados

Micotti (2009) conceitua a pedagogia por projetos como uma estratégia educativa que propicia a realização das aspirações de sucesso escolar tanto por parte das crianças como por parte dos educadores.

Tendo como público alvo o 5º ano do ensino fundamental I de uma escola estadual de Campos dos Goytacazes-RJ, foi traçado o perfil das respectivas turmas em março de 2015, como apresenta-se no gráfico abaixo:

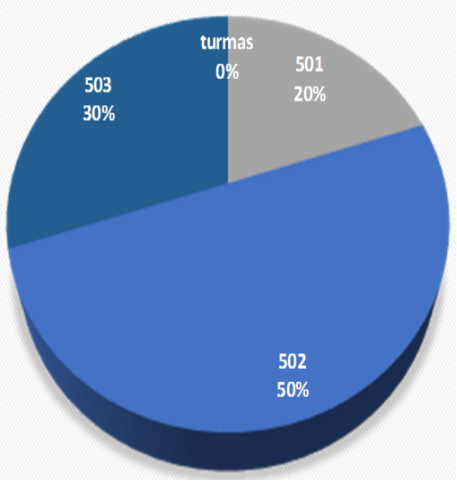


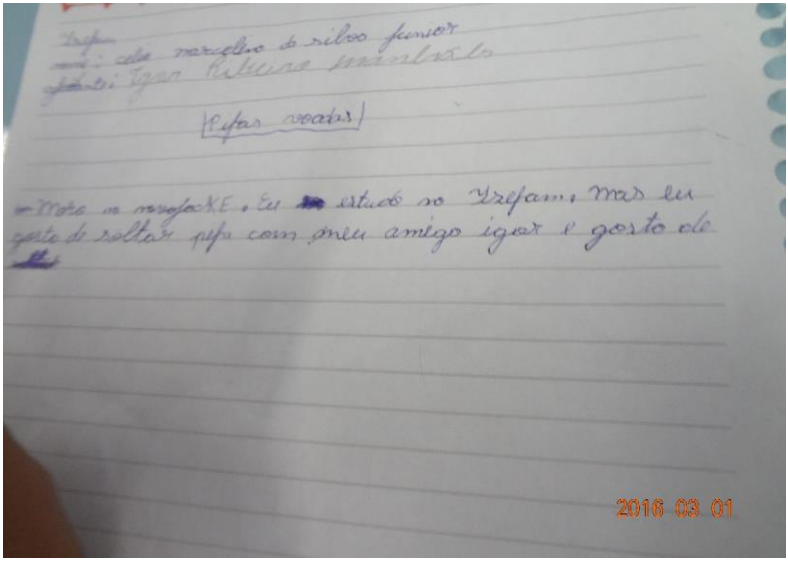
Fig. 1. Percentual de produção textual

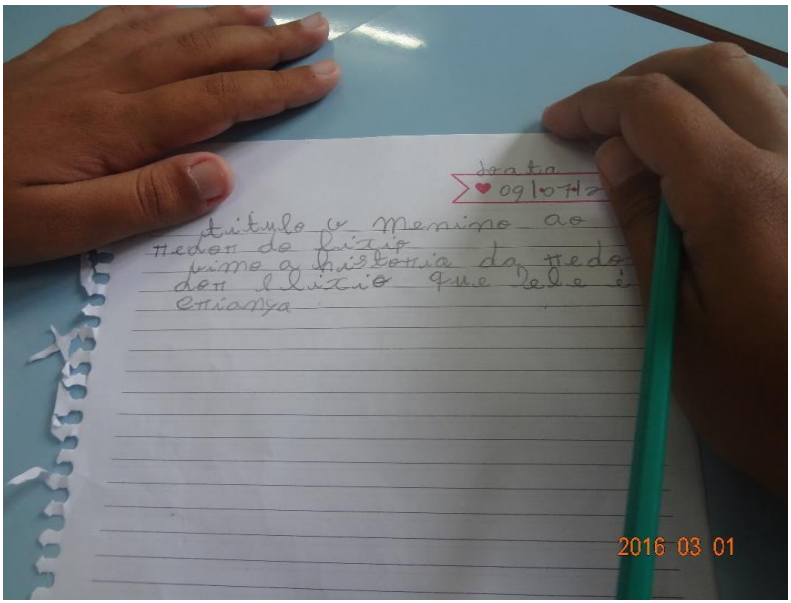
Verifica-se que a turma 501 possui 20% de alunos produtores leitores, com pais em sua maioria ausentes e um grande número de crianças repetentes; a turma 502 possui 50% de alunos produtores leitores, com pais presentes em sua maioria e a turma 503 possui 30% de alunos produtores leitores, com uma minoria de pais presentes e uma grande quantidade de crianças copistas.

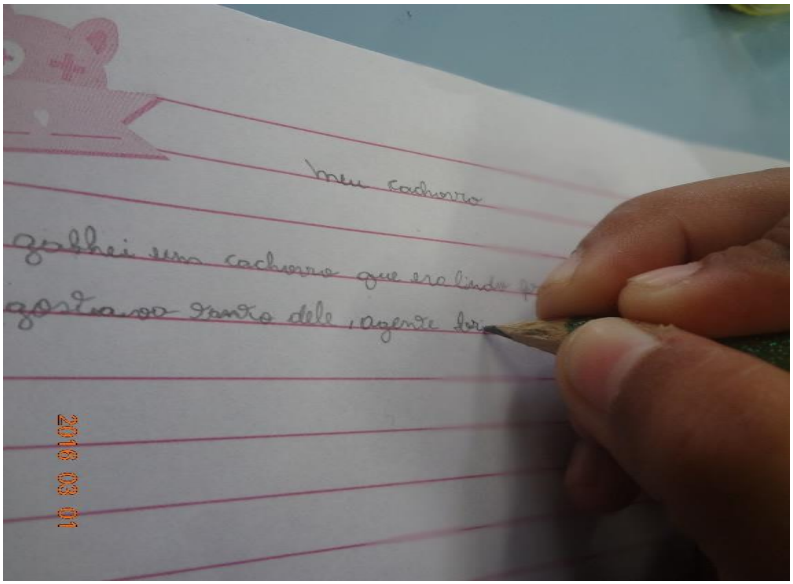
Tendo em vista essa triste realidade foi sugerido aos alunos do curso Formação de Professores de uma escola estadual de Campos dos Goytacazes-RJ, que criassem variadas histórias em quadrinhos através do aplicativo androide "*bitstrips"*, em grupo de quatro alunos para apresentar nas turmas do 5º ano do ensino fundamental I.

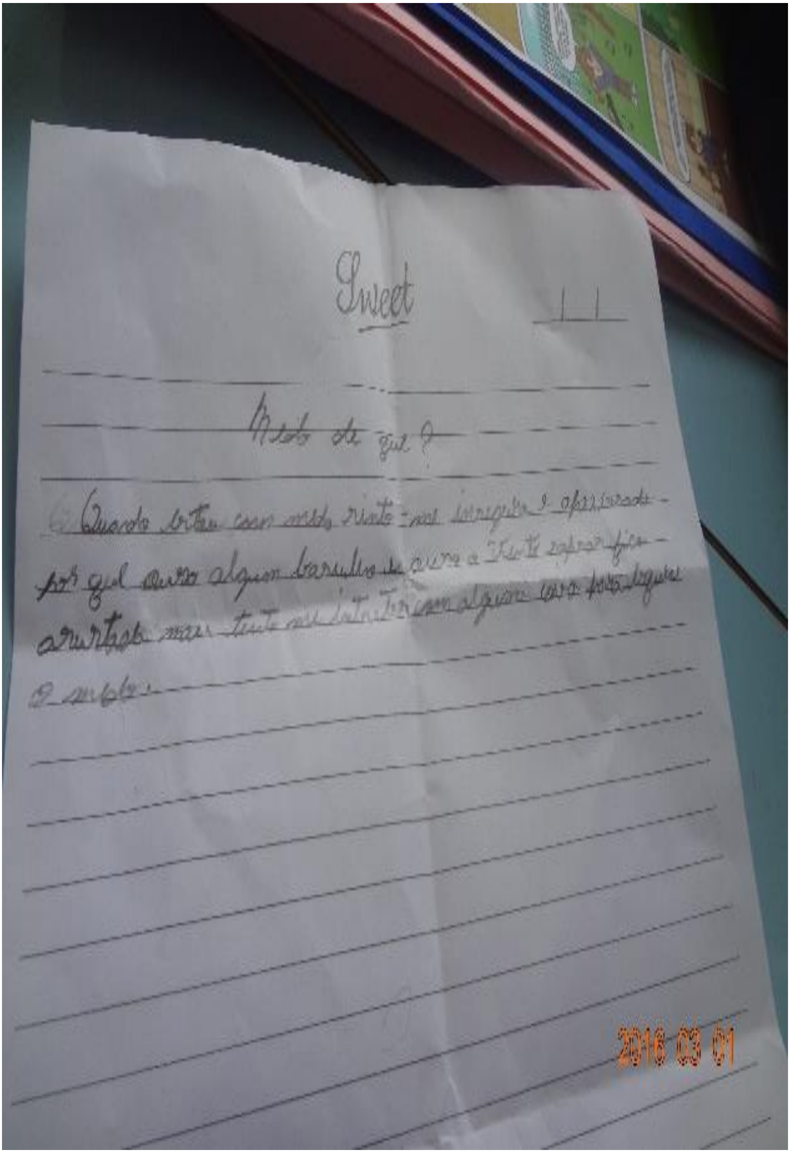
O objetivo desse trabalho é articular a teoria com a prática, levando os alunos a construírem um texto coletivo, o qual possa ser trabalhado em sala de aula pelo professor da turma, sabendo que o último quadrinho deverá ser composto por uma pergunta sem resposta em relação a história, para estimular a reflexão crítica, a coesão de ideias, a imaginação criadora, a dialogicidade, a compreensão responsiva, as trocas necessárias nos variados discursos de linguagem, possibilitando a construção de inúmeras teias de relações discursivas compartilhadas, como apresenta-se abaixo.

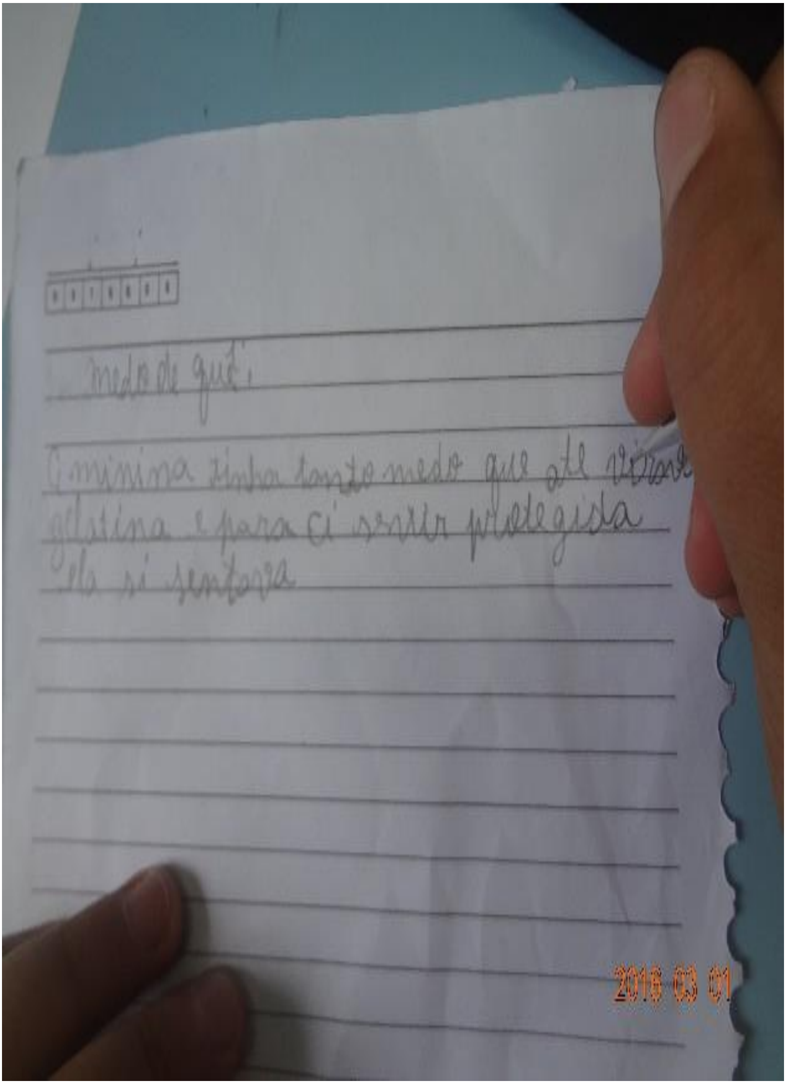
Fig. 2 – Aplicação do Projeto Produzindo Textos com *Bitstrips*
Fonte: Laboratório de Alfa em uma escola estadual de Campos dos Goytacazes-RJ

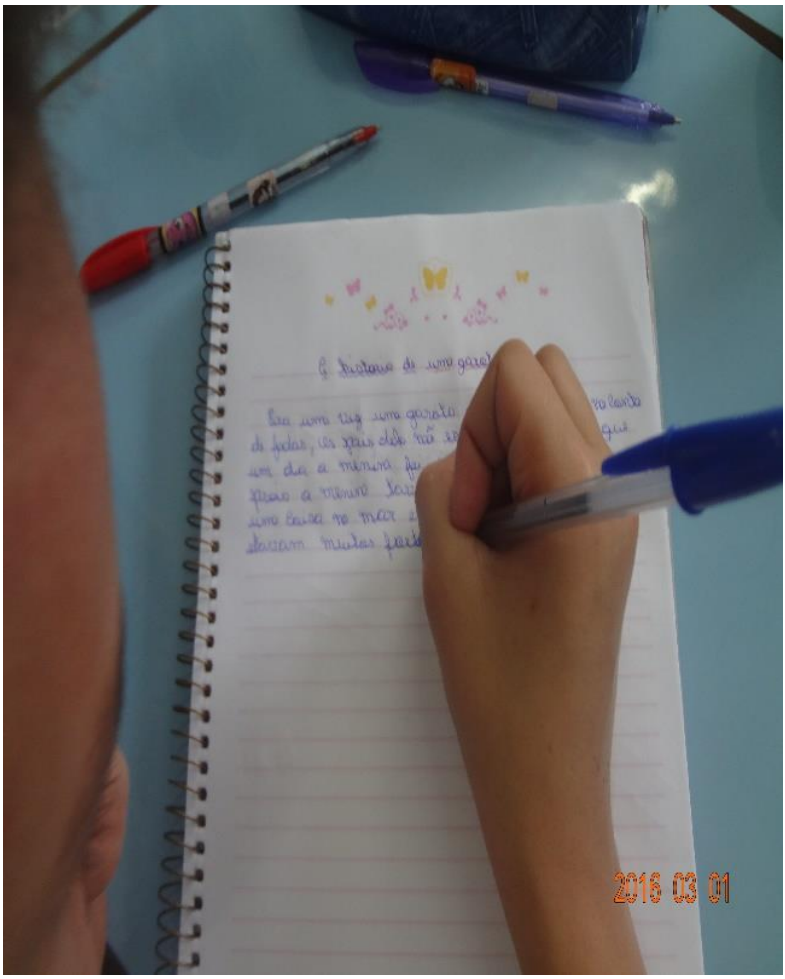



2016 03 01


2016 03 01


Sweet
2016 03 01


medo de quê
A minina tinha tanto medo que ate
gelatina e para ci senter protegida
ela si sentava
2016 03 01


2016 03 01

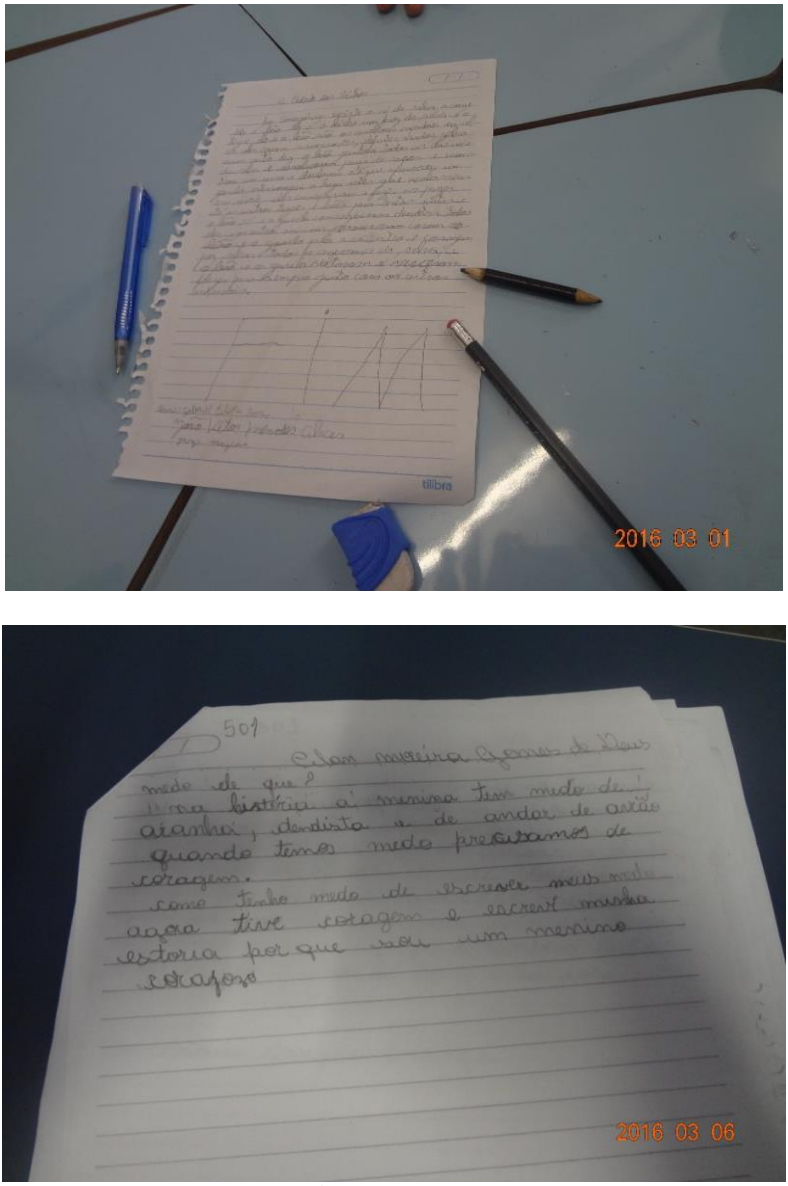


Fig. 3 – *Corpus*: coleção de textos produzidos pelas crianças
Fonte: Laboratório de Alfa em uma escola estadual de Campos dos Goytacazes-RJ

As fotos acima foram tiradas em uma escola estadual da cidade de Campos dos Goytacazes-RJ, no 5º ano do ensino fundamental I, as quais apresentam em seus textos marcas que atestam a relação do sujeito com seu dizer e através dele com o mundo.

Segundo Orlandi (2012) na constituição da subjetividade o sujeito se apropria da linguagem definindo-se ao mesmo tempo como eu e a um parceiro como tu apresentando as marcas da enunciação manifestando o jogo da intersubjetividade.

Nos textos acima verificam-se a presença da língua materna de forma descontraída como na oralidade, onde os mecanismos enunciativos não são unívocos e autoevidentes. São construções discursivas com seus efeitos de caráter ideológico e marcas de um processo de alfabetização mecânico reprodutivo, com sinais visíveis de transcrição de códigos linguísticos.

Evidencia-se que a criança na tentativa de utilizar a escrita como discurso enfrenta problemas nas construções gráficas quando não sabem associar o fonema à grafia, como "galhei" ao invés de ganhei, "minina" ao invés de menina, "tava" ao invés de estava, revelando que a escrita dentro das paredes da escola assume um caráter falso, artificial, descontextualizado, fazendo redações ou composições com uma função puramente escolar. Essa análise permite levantar a hipótese da fragilidade discursiva dos textos produzidos por alunos em fase de alfabetização, quando lhes são apresentados modelos de texto nos anos iniciais de escolarização. Quando tentam reproduzir modelos mostram-se frágeis e inseguros, mas quando lhes é permitido criar novos textos, apresentam alto grau de informatividade e unidade temática, utilizando-se de elementos de coesão que dão coerência e continuidade a narrações próprias, singulares e únicas.

As crianças escreveram a partir de temáticas sugeridas nas histórias em quadrinhos, porém "o discurso não é um conjunto de textos, é uma prática. Para se encontrar sua regularidade não se analisam seus produtos, mas os processos de sua produção" (ORLANDI, 2012, p. 73). Portanto, sentiram medo de escrever, ficaram tímidos, alguns tentaram reproduzir fielmente a história sem sucesso e outros colocaram seus medos, angústias, desejos e frustrações, onde a falta de domínio da norma culta na utilização da língua portuguesa foi unânime.

O sujeito se constitui como autor ao constituir o texto. Essa turma tem alunos com 14 e 15 anos, por serem repetentes, observando-se os

efeitos da ideologia dominante no processo educacional pela falta de leitura crítica, alheios à realidade, submersos na passividade, interpelados pela dominação externa e pela ausência da autonomia, mostrando-se assim carentes e copistas.

Franchi (2012) destaca que:

> O ponto relevante, para o estudo do processo de aprendizagem da escrita, é que as crianças conseguem ultrapassar os aspectos "gramaticalizados" ou "codificados" da escrita para elaborar seu material, investindo-o de significação própria em uma atividade criativa. Ultrapassam a mera transcrição de um enunciado oral, para um leitor a distância, aspectos da situação conforme somente elas os captam em suas emoções. (FRANCHI, 2012, p. 188)

Segundo a autora citada acima verifica-se que na oralidade das crianças, nos seus atos de fala, nas interações com os companheiros, com o professor, que a escrita foi entrando na vida deles de forma específica e complexa exigindo um domínio que se apresenta de forma mecânica e externa. Porém, por serem sujeitos históricos e inacabados, vão se constituindo nas relações sociais e culturais por meio do diálogo consciente e crítico observando a realidade em que vivem. Desta forma, apresentam o que há de mais íntimo nas relações entre as práticas sociais da leitura e da escrita.

Percebe-se o resultado de relações de exclusão através da polifonia no texto, nas diferentes formas discursivas constituindo a ideologia de uma classe social oprimida.

5. Considerações finais

Constata-se na formação dos discursos que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio histórico em que as palavras são produzidas, pois elas mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam, em relação as formas ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.

A relação entre o texto e o discurso não é biunívoca. O texto é unidade de análise, processo discursivo o qual deve ser entendido enquanto conceito teórico que corresponde a uma prática efeito de sentidos entre locutores.

O ponto relevante de toda essa pesquisa é quando os alunos conseguem ultrapassar as barreiras gramaticais da escrita e a oralidade para revelar um processo único e singular de expressão que recriam conforme

captam em suas emoções. E assim eles se afastam do papel de expectador para o desenvolvimento da linguagem escrita construindo a própria história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Raquel Goulart. *Tecnologias e trabalho docente*: entre políticas e práticas. 1. ed. Petrópolis: De Petrus et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2014.

CARVALHO, Marlene**.** *Alfabetizar e letrar***:** um diálogo entre a teoria e a prática. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

FRANCHI, Eglê. *Pedagogia do alfabetizar letrando*: da oralidade à escrita. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GABRIEL, Carmem Teresa. (Org.). *Linguagem, discurso, pesquisa e educação*. 1. ed. Petrópolis: De Petrus et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2015.

MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira. (Org.). *Leitura e escrita***:** como aprender com êxito por meio da pedagogia por projetos. São Paulo: Contexto, 2009.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura***.** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ROJO, Roxane. *Falando ao pé da letra*: a constituição da narrativa e do letramento. São Paulo: Parábola, 2010.

SANTOS, João Bosco Cabral dos. (Org.). *Sujeito e subjetividade*: discursividades contemporâneas. Uberlândia: Edufu, 2009.

STREET, Brian V. *Letramentos sociais*: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad.: Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2014.